Abrimos este número da OPUS com uma entrevista com o compositor David Ludwig, por Tom Moore. Moore já colaborou em um número anterior da OPUS entrevistando o compositor carioca Sérgio Roberto de Oliveira, e várias outras de suas conversas com músicos brasileiros estão disponíveis na rede. Ninguém mais qualificado para apresentar esse jovem e prolífico compositor estadunidense ao público brasileiro. E dizer que mais de 100 anos separam as mais recentes obras de David Ludwig da Sonata Op. 1 de Alban Berg. 90 anos no caso do Trio para sopros de Villa-Lobos. A mesma distância separava as obras da juventude de Berg e Villa-Lobos da *Missa de Santa Cecília* de José Maurício Nunes Garcia; ou *Tannhäuser* de Wagner da *Oferenda Musical* de J. S. Bach. Alguém ainda usa o termo "música contemporânea" para se referir à música de Berg e Villa-Lobos? Quando o mestre carioca faleceu, a maioria dos professores e alunos envolvidos na pós-graduação em música no Brasil ainda nem era nascida. É certo que o distanciamento favorece a imparcialidade da análise, mas o desenvolvimento da pesquisa histórica também tem colaborado para novas e originais aproximações à música do passado. Carlos Almada e Aloysio Fagerlande estão conscientes desses fatores em suas considerações sobre os processos composicionais e a interpretação da música daqueles mestres. E conscientes das transformações por que também passam a musicologia e a educação musical estão Rita Fucci Amato e Daniel Gohn, com artigos sobre interdisciplinaridade e softwares on-line de música. Já Mário Trilha e Rafael Fuchigami lançam novos olhares sobre o histórico de práticas interpretativas em Portugal e no Japão. Apesar de tratarem de mundos tão diferentes, os dois artigos revelam conexões com a realidade brasileira; o primeiro por revelar detalhes sobre o sistema teórico em que se baseia muito da música brasileira de séculos passados, o segundo por apontar para o inusitado florescimento de uma prática musical milenar no Brasil contemporâneo.

Rogério Budasz